

CONCLUSÃO

Na sua profusão de matizes, de atitudes, de protestos, de lancinantes gritos, o conjunto das correspondências lembra-nos irresistivelmente o Inferno dantesco.

Andrée Rocha

A análise de uma correspondência torna-se uma tarefa cada vez mais complexa e científica, levando o pesquisador a explorar novos recursos de método nem sempre comuns na pesquisa literária, principalmente quando levamos em consideração a natureza subjetiva de muitas cartas. Todo o epistolário de Mário de Andrade e Manuel Bandeira atesta o desejo de ambos de ajudar na estruturação de uma “inteligência modernista brasileira”. Para tal intuito eles não palpavam esforço ... nem linhas! Escreveram desde cartas simples dando alguma rápida informação até as chamadas “cartas pensanteadas” – textos extensos que analisam algum tipo de temática – tudo envolvido na mais pura “amizade carteadada”.

Muitas são as funções de uma carta, talvez a mais simples é a sua capacidade de unir distâncias, desde a Antigüidade tal atribuição é reconhecida e ao unir espaços de separação geográfica também uni sentimentos e afetos, provoca uma espécie de construção simbólica daquele que está distante, presentifica e materializa a sua imagem física. A carta possibilita que o remetente “vá ao encontro” do destinatário através das linhas e entrelinhas do texto, ambos “se abrem” em relações de amor ou amizade ou simplesmente se tratam

“respeitosamente”. Tais atributos estão numa perspectiva subjetiva de análise, mas também devemos realçar a importância da epistolografia para os estudos literários.

A correspondência de cunho literário ilumina formidavelmente a crítica e os estudos literários. As linhas de uma missiva tornam-se para o escritor uma possibilidade de criação e de demonstração da sua produção regular, um espaço que acolhe as sugestões e os comentários a respeito de uma determinada produção. Isto sem dizer que há um constante diálogo que enriquece a transformação estilística de cada um, apontando os caminhos para um saudável amadurecimento que mais tarde contribuirá para a revisão da própria obra. A carta caminha por um espaço deveras “tortuoso” entre o ficcional e o histórico, permitindo, desta maneira, a “invenção” de certas possibilidades retóricas que ajudam a preencher esse entre-lugar.

Acompanhar as várias intrigas narradas nesse epistolário é de grande importância. Uma vez que o nosso objetivo principal nessa dissertação foi fazer uma “leitura do Modernismo brasileiro” através das cartas de Mário e Bandeira, não poderíamos ignorar os vários desentendimentos ocorridos entre os escritores narrados nessa correspondência, pois cada “briga” ocorrida está imbuída de um pressuposto ideológico que “direciona” a natureza da mesma. Hoje, quando olhamos criticamente para o início do movimento modernista, realizamos tal ato com um grande distanciamento temporal que relativiza muitos acontecimentos, sendo necessário o nosso posicionamento naquele tempo para que nos situemos como “parte da época”.

Ao lermos essas cartas, entramos um pouco naquela atmosfera e acompanhamos a formação da Escola, é quando percebemos uma certa falta de rumo de alguns dos seus integrantes. Isso possibilitou a criação de muitos grupos que divergiam ideologicamente um do outro, provocando rupturas profundas no relacionamento dos seus representantes. Outro problema que notamos diz respeito ao desejo de liderança por parte de alguns. Tal fato foi problemático pois escritores como Graça Aranha intitularam-se como “líderes intelectuais”, chegando mesmo a arregimentar “discípulos” e “credos” próprios, o que inevitavelmente causou inúmeras intrigas entre eles.

Manuel Bandeira tinha uma forma peculiar de lidar com as dificuldades de relacionamento: mantinha uma certa distância de algumas pessoas e procurava não somatizar os problemas externos. Em contrapartida, Mário de Andrade tinha uma maior facilidade em absorver as limitações de certos “amigos”, sofrendo muito com algumas atitudes alheias que o tinham como alvo, o que às vezes o levava a afastar-se definitivamente de certas pessoas. A constatação desses fatos é de grande valor pois nos permite “um outro olhar” sobre a história do Modernismo, principalmente quando ajuda a extinguir a idéia de pacificidade no que diz respeito à construção do movimento.

Quanto à função da Tradição, temos outras conclusões emergentes que contradizem certas opiniões defendidas ao longo dos anos. É comum a afirmação de que tradição e modernidade são valores completamente antagônicos; entretanto, o estudo dessa correspondência contesta tais afirmações. Podemos certificar que as influências tradicionais não foram “exterminadas” do Modernismo – ele se desenvolveu conciliando os dois pólos aparentemente opostos. Mário e Bandeira perceberam que o passado era

importante enquanto paradigma qualitativo de produção da arte, o grande perigo seria não “avançar” estilisticamente, isto é, “copiar” simplesmente as produções passadas e não perceber a necessária evolução que a linguagem artística deve possuir. Tal “inércia artística” eles classificaram de passadismo – a “versão estéril” do passado por eles indesejada.

Tais constatações são tão verdadeiras que Mário e Bandeira as reconheceram em várias das suas cartas, chegando mesmo à identificação das permanências de outros estilos nas suas respectivas obras, especialmente o Parnasianismo e o Simbolismo. Manuel Bandeira sempre se mostrou um “influenciado confesso” das lições do passado, enquanto Mário – embora ele já tivesse levantado tais questões ainda na década de 20 – vivenciou um constante processo de amadurecimento que o levou a um considerável equilíbrio crítico, e por isso mesmo os seus últimos anos foram marcados por análises teóricas que ele fez do Modernismo brasileiro, procurando perceber os avanços e as limitações do mesmo. Com isso, “ser moderno” era também fazer a revisão do movimento e torná-lo capaz de reconhecer as influências internas e externas que ajudaram na sua estruturação.

A modernidade brasileira aos poucos ia se consolidando e tal processo não poderia ter sido realizado sem a prática da crítica literária. Uma das várias importâncias de uma correspondência entre escritores é a possibilidade de acompanharmos a criação artística de ambos, pois os mesmos fazem questão de se manterem informados quanto às respectivas produções artísticas. Mário sempre teve uma postura de total abertura aos comentários e às sugestões de Bandeira, tanto que modificou consideravelmente uma boa quantidade de poemas seus, chegando a publicar versões totalmente diferentes do manuscrito que enviara

a Bandeira. Tais mudanças se refletiram na troca de alguns vocábulos, supressões de alguns períodos ou mesmo na reescrita de versos inteiros, chegando em alguns momentos à publicação de “uma outra obra” que pouca semelhança apresenta em relação ao texto inicial.

Acompanhar a “biografia” de uma obra é necessário pois as transformações que a mesma sofre refletem o metabolismo estilístico-pessoal do próprio autor, é quando a crítica adquire uma função toda especial dentro dos estudos literários. Mário e Bandeira davam uma enorme credibilidade à essa atividade, chegando mesmo a teorizar sobre ela em diversas cartas; certamente eles perceberam que tais debates críticos ajudariam a sustentar a base teórica do Modernismo, assim como aconteceu com *Macunaíma*, cujas informações trocadas entre Mário e Bandeira são fundamentais para uma melhor compreensão da obra e o seu papel na Literatura Brasileira. A crítica literária foi vista por eles como um promissor mecanismo de afirmação da modernidade artística no Brasil, especialmente durante as primeiras décadas do movimento modernista, quando os intercâmbios críticos foram mais freqüentes e fecundos. Podemos afirmar que sem esse tipo de abordagem o movimento teria sido deveras pobre no que concerne às discussões sobre a criação em si, bem como sobre as mudanças ocorridas no “início da vida” de certos textos que, sem uma devida pesquisa, sequer imaginamos os diferentes percursos pelos quais passaram até chegarem às nossas mãos.

Tudo isso fazia parte de um abrangente desejo de alguns intelectuais brasileiros: introduzir o Brasil no mundo moderno, colocá-lo no âmbito das discussões acerca das novas idéias que na época revolucionavam comportamentos e opiniões. Desta forma, a

“empresa modernista” não poderia se construir ignorando um dos aspectos primordiais da identidade nacional: a língua.

Os debates em torno da criação de uma “língua nacional” provocou momentos de tensão na correspondência de Mário e Bandeira. O autor de *Lira paulistana* tinha uma nobre intenção: expressar-se num sistema lingüístico que estivesse mais próximo da forma comum de o brasileiro comunicar-se, especialmente na dimensão oral da língua. Todavia, o resultado obtido não agradou a crítica e principalmente não agradou Manuel Bandeira, que sempre atestou o caráter superficial da tal língua. As observações de Bandeira foram endossadas pelo filólogo e gramático Souza da Silveira, este afirmara que a sobrevivência de uma língua dependia, dentre outros fatores, da sua propagação coletiva, tornando-se um sistema que realmente fosse de domínio público dentro de um espaço geográfico. Para Souza da Silveira (e também para Bandeira), tais condições não estavam sendo apreciadas na língua pretendida por Mário que, contrariamente, estava se desenvolvendo numa perspectiva particular, numa espécie de “língua privada” e artificial que aparecia somente na literatura produzida por Mário e não compreendida pelos seus leitores.

A intenção de Mário coincide com os ideais nacionalistas da primeira geração do Modernismo brasileiro. Para ele, a literatura escrita numa “língua brasileira” contribuiria na construção de uma identidade nacional, ajudando no resgate de valores que caracterizariam o “nosso eu” na sua essência. Para Mário, “escrever em brasileiro” era uma histórica oportunidade de reduzir o grande abismo entre a língua falada e a língua escrita marcada pela normatização culta e, desta maneira, propor uma transformação cultural que certamente teria reflexos na estrutura social do país. Independente das severas críticas que

recebeu de alguns, principalmente de Manuel Bandeira, Mário de Andrade assumiu até o fim o seu propósito lingüístico-nacionalista, sendo a linguagem de *Macunaíma* um bom exemplo dessa proposta de vanguarda.

A correspondência de Mário e Bandeira é um fecundo depositário de uma infinidade de teorias que hoje preenchem os manuais e os livros didáticos e dão base teórica a ensaios e teses sobre o Modernismo brasileiro. Nada passou incólume aos olhos atentos desses missivistas, desde o questionamento acerca do próprio movimento até o uso do verso livre. É quando descobrimos importantes postulações como a origem clássica da metrificacão livre, isto é, o verso metrificado como originário do verso livre, e não o contrário como geralmente é afirmado. Isto sem dizer do caráter estatutário que ambos deram aos plágios literários, uma vez que tal prática fosse um mecanismo de criação e não somente uma simples cópia do original.

As cartas não proporcionam somente leituras biográficas com início, meio e fim definidos. Acima de tudo, elas formam um processo aberto e sujeito às mudanças e dinamizações próprias das relações pessoais, possibilitando o acompanhamento de acontecimentos que ajudam a “tecer” uma determinada história ou mesmo histórias. Esse caráter flexível dos textos epistolares permite sempre que se faça uma nova leitura, que se veja uma nova possibilidade interpretativa sobre um determinado assunto.

A correspondência de Mário de Andrade é uma atividade histórica dentro do Modernismo brasileiro, suas cartas são verdadeiros documentos que hoje nos permitem perceber a sua importância na construção deste movimento artístico. Com Mário, o texto

epistolar ganha um estatuto de ação, trazendo ao debate assuntos como arte, política, literatura, sentimentos e relações pessoais como um todo. Essa “epistolomania” provoca no escritor-missivista a clareza para perceber que está criando uma “obra involuntária”, escrita paralela à obra canônica. Além dessa verdade, não nos esqueçamos do “caráter doutrinador” de Mário através das suas cartas, especialmente quando o destinatário era um escritor mais jovem e no começo da sua vida literária. Com Bandeira, o “lado pedagogo” de Mário se comunicava através de definições teóricas sobre determinados assuntos, pela busca incessante de respostas às suas dúvidas e pela consciência de que ele fazia parte de um contexto histórico-cultural que urgia mudanças.

Todo esse pioneirismo da correspondência de Mário só foi possível graças às atuações dos destinatários, estes contribuíram para “completar” esta outra obra de Mário. Dentre todos, Manuel Bandeira teve uma atuação privilegiada, especialmente quando levamos em consideração a sua capacidade intelectual que muito enriqueceu as linhas “carteadas” (expressão muito cara a ambos). Com opiniões sempre muito bem formuladas, em alguns momentos ele foi um tanto radical na análise de alguns assuntos, como a questão da “Língua Nacional” e o episódio da “Carta pras Icamíabas” do livro *Macunaíma*, esta última nunca aceita ou tolerada por Bandeira. Mas as suas recusas não eram feitas de maneira superficial, analisava profundamente os assuntos e fazia uma argumentação tão contundente que em vários momentos ele conseguiu mudar a opinião de Mário. Além desses fatores, o intercâmbio epistolar entre eles foi de grande valia pois ambos puderam se expor, abrir-se subjetivamente às confissões mais íntimas sempre “regadas” de uma sólida confiança recíproca que dava à amizade um caráter sacramental. Acompanhar a evolução

do seu pensamento é de grande necessidade para entendermos as exposições teóricas e os embates ocorridos ao longo de algumas das suas cartas.

Certa vez Mário confessara a Carlos Drummond de Andrade numa carta de 1924 que ele “sofria de um gigantismo epistolar”. Doença ou não, o mal sofrido por Mário de Andrade proporcionou-nos uma riqueza crítica sem igual na História da Literatura Brasileira, pois as cartas que deixaram a Rua Lopes Chaves 108 (residência de Mário em São Paulo) socializam, aproximam as individualidades pessoais, teorizam, apresentam opiniões diversas e “testam” novas possibilidades metodológicas. Acima de tudo, as cartas possibilitam e incentivam o ato do “contar-se”, o remetente se expõe e nessa exposição ele ajuda a construir não somente a sua história, mas também a história do mundo no qual ele se insere.

Cada vocábulo, cada parágrafo da correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira ajuda na leitura do Modernismo brasileiro. O envelope fechado contendo a carta reservava um mundo a ser lido e construído que não se limitava unicamente às distâncias entre Rio de Janeiro e São Paulo, mas conquistavam todo o território nacional unido no único desejo de inserir o Brasil na modernidade do século XX. Todas as missivas trocadas por eles foram intencionais, ora para o desabafo, ora para a instrução. Sendo assim, a lição dada por Mário a Bandeira numa de suas cartas permanece atual até os dias de hoje: *Carta de deveras carta, é documento maior, Manu*. Sim, documento maior que ilumina e preenche as possíveis lacunas deixadas nas entrelinhas epistolares.

